

# SESSÕES DO PLENÁRIO

**17ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 25 de abril de 2014.**

**PRESIDENTE: DEPUTADO ÁLVARO GOMES *AD HOC***

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial alusiva aos 42 anos da Guerrilha do Araguaia e dos 50 anos do Golpe Militar de 64, proposta por mim.

Convido para compor a Mesa o deputado federal Daniel Almeida, presidente do Partido Comunista do Brasil da Bahia; o Sr. Osvaldo Bertolino, representante da Fundação Maurício Grabois; o Sr. Miquéias de Almeida, guerrilheiro do Araguaia, o famoso Zezinho; o vereador Waldir Pires, na realidade, o nosso eterno governador; o nosso colega, deputado estadual Marcelino Galo; A Srª Diva Santana, do Grupo Tortura Nunca Mais, aqui também representando os familiares dos guerrilheiros; o Sr. Joviniano Neto, presidente do Comitê Baiano Pela Verdade; o Sr. Carlos Valadares, do comitê estadual do nosso Partido e um dos mais antigos militantes; o Sr. Aurino Pedreira, presidente estadual da CTB-Ba, e o Sr. Antônio Barreto, o Barretinho, diretor do Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz.

Convido todos para ouvirmos, em posição de respeito, os hinos Nacional e da Bahia.

(Execução do Hinos Nacional e da Bahia.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido a Srª Julieta Palmeira, presidente da Bahiafarma, para aumentar a cota de mulheres à Mesa (Palmas.)

Iremos registrando as presenças no decorrer da sessão.

Solicito ao deputado Marcelino Galo, presidente da Comissão da Verdade da Assembleia Legislativa, que presida esta sessão enquanto faço uso da palavra.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Com a palavra o deputado Álvaro Gomes, proponente desta sessão.

**O Sr. ÁLVARO GOMES:-** Sr. Presidente, deputado Marcelino Galo, presidente da Comissão da Verdade desta Casa Legislativa; deputado Daniel Almeida, presidente do nosso partido; nosso guerrilheiro Zezinho, único sobrevivente – aliás, não, parece que ainda temos Luzia, guerrilheira sobrevivente, bancária do Baneb – e peça importante na guerrilha, inclusive tomou curso na China para conduzir bem essas batalhas na Selva Amazônica; Diva, que representa os familiares dos guerrilheiros, irmã de Dinaelza, que foi uma guerrilheira importante; Osvaldo

Bertolino, estudioso nesse assunto e em outras questões; o nosso eterno governador Waldir Pires, sempre presente a estes atos importantes, Joviniano Neto, Antônio Barreto, o nosso conhecido Barretinho, Carlos Valadares, Julieta Palmeira, também uma histórica militante, tanto ele quanto ela, e Aurino Pedreira, presidente da CTB-Bahia.

Enfim, vieram muitos militantes aqui, diversas personalidades. Não citarei os nomes de todos, mas se sintam também contemplados o Davidson, o Gavazza e os demais militantes.

(Lê) “A Assembleia Legislativa não poderia deixar de celebrar os 42 anos da Guerrilha do Araguaia e registrar e protestar para que não mais aconteçam as atrocidades praticadas pela ditadura militar implantada em 64 no nosso País. Portanto, esta sessão especial busca também a verdade omitida durante décadas para manter a opressão do nosso povo.

A Guerrilha do Araguaia foi um dos principais acontecimentos da história do Brasil, censurada pelos militares da época, que tinham como objetivo esconder a realidade impedindo que a população soubesse do que estava acontecendo. Não adiantou. Hoje a Guerrilha do Araguaia faz parte da história do Brasil, e várias publicações se espalham pelo País e mundo afora.”

Inclusive esta aqui. Lembro que em 1982, quando foi lançada na Bahia esta Revista *Guerrilha do Araguaia*, obra literária de importância, na Associação dos Funcionários Públicos do Estado, ela foi invadida pela Polícia Federal, que apreendeu os exemplares e prendeu vários militantes. Outros sofreram inquéritos, como no meu caso especificamente. Mas outras publicações foram feitas, assim como estudos acadêmicos e filmes que a ditadura tentou impedir, mas não conseguiu. A Guerrilha do Araguaia faz parte da história do Brasil e seus heróis são hoje reconhecidos pelo povo brasileiro.

(Lê) “Segundo Clóvis Moura, a guerrilha surge no momento em que todos os canais de respiração política da sociedade brasileira estavam trancados, a classe operária era impedida de reivindicar, a imprensa censurada, livros apreendidos, a tortura como hábito cotidiano, estudantes impedidos de reivindicar, protestar ou estudar, prepostos do governo norte-americano assessorando os torturadores brasileiros e a intelectualidade aderindo ou pelo menos silenciando ante o massacre quase diário de patriotas que morriam, ou nas câmaras de tortura do sistema ou em lutas desiguais contra os órgãos de repressão.

Nesse quadro político brasileiro, o Partido Comunista do Brasil decide organizar a resistência armada para se contrapor aos golpistas militares que praticavam diariamente crimes contra a população. Assim surge a Guerrilha do Araguaia, iniciando a sua organização a partir de 1967, quando os militantes começaram a se preparar para enfrentar com armas a ditadura.

O início dos combates acontece em 12 de abril de 1972 e termina em janeiro de 1975. O aparato militar utilizado pela ditadura ultrapassou 12 mil homens do Exército, da Marinha, Aeronáutica e agregados, equivalente ao número de soldados brasileiros que combateram na Segunda Guerra Mundial. E todo esse aparato para

enfrentar um grupo de 69 guerrilheiros, além de alguns camponeses que se juntaram às forças revolucionárias com o apoio da população local.

O resultado é que os guerrilheiros foram executados, outros tombaram em combate, os corpos mutilados e jogados em locais desconhecidos. A selvageria atinge também a população local, que sofreu diariamente a violência dos ditadores.

O principal comandante da Guerrilha do Araguaia foi Maurício Grabois, deputado constituinte em 1946. Entre os heróis podemos também citar Ângelo Arroyo, Maria Lúcia Petit, Osvaldão, Zezinho, o único sobrevivente da guerrilha, e os baianos Dinalva Oliveira Teixeira (Dina), Antônio Carlos Monteiro Teixeira (Antônio), Nelson Lima Piauhy Dourado (Nelito), Rosalindo de Souza (Mundico), Uirassu de Assis Batista (Valdir), Dinaelza Santana Coqueiro (Mariadina), José Lima Piauhy Dourado (José ou Ivo), Dermeval da Silva Pereira (João Araguaia) e Vandick Reidner F. Coqueiro (João).

João Amazonas, dirigente maior do PCdoB na época, fez uma homenagem a Maria Lúcia Petit, morta em combate no início da guerrilha: 'Eu queria colocar uma rosa, uma simples rosa vermelha entre as mãos geladas pela morte da jovem guerrilheira do Araguaia Maria Lúcia Petit. Seria uma homenagem simbólica, dedicada àquela que deu a vida lutando pela liberdade e pelo bem do povo. Com este gesto, eu exprimiria toda a ternura de seus companheiros e a afirmação solene de que seu sangue não foi derramado inutilmente, mas foi impossível de o fazer. Ninguém podia se aproximar do seu cadáver, vigiado pelas forças militares, nem conduzir seu corpo à última morada. Os bandidos do Exército têm medo dos

combatentes da liberdade, mesmo após sua morte.'

Posteriormente João Amazonas, antes de morrer, escreveu do seu próprio punho a seguinte frase: 'As cinzas devem ser espalhadas na região do Araguaia, onde houve a guerrilha. É uma forma de juntar-me aos que lá tombaram'. Assim Amazonas se junta aos combatentes dos revolucionários na esperança de que as sementes da liberdade possam brotar com mais força.

O presidente nacional do nosso partido, o PCdoB, Renato Rabelo, além de destacar a importância histórica da Guerrilha do Araguaia considerando que ela pertence ao povo brasileiro, embora fruto da coragem do Partido Comunista do Brasil, entende fundamental a luta pelo resgate dos corpos dos guerrilheiros. 'Essa luta pelo resgate dos corpos é importante, pois tem um caráter humanístico, e também um caráter político muito forte, pois é um resgate da memória da Guerrilha' além do direito sagrado dos familiares de saber o que aconteceu exatamente com seu ente querido e ao mesmo tempo enterrá-los nos jazigos da família.

Gostaria de registrar a beleza da canção entoada pelos guerrilheiros do Araguaia de autoria de Maurício Tapajós e Paulo Cesar Pinheiro e que diz o seguinte:

Quando o muro separa uma ponte une  
Se a vingança encara o remorso pune  
Você vem me agarra alguém vem me solta  
Você vai na marra, ela um dia volta  
E se a força é tua ela um dia é nossa

Olha o muro, olha a ponte, olha o dia de ontem chegando  
Que medo você tem de nós, olha aí  
Você corta um verso, eu escrevo outro,  
Você me prende vivo, eu escapo morto,  
De repente olha eu de novo  
Perturbando a paz, exigindo troco,  
Vamos por aí eu e meu cachorro  
Olha um verso, olha o outro,  
Olha o velho, olha o moço chegando,  
Que medo você tem de nós, olha aí  
O muro caiu, olha a ponte  
Da liberdade guardiã,  
O braço do cristo, horizonte  
Abraça o dia de amanhã, olha aí.

Gostaria também de registrar a poesia da saudosa Loreta Valadares sobre a guerrilha

Verdes águas claras  
Do rio Araguaia  
Serpenteando selva 'dentro altas barrancas debruçadas  
As margens de um lado e de outro,  
Correm céleres contigo  
Estórias de um povo em pé  
Verdes águas revoltas  
Do rio Araguaia  
Levando terras do sertão  
Furiosa tormenta espraçada  
Nas matas de alto a baixo  
Rebeldes seres armados  
Rompem noites d'escravidão!  
Verdes águas rubras  
Do rio Araguaia  
Tingindo sangue em matagais  
Fortes grilhões rebentados  
De um povo que se levanta  
Bravos guerrilheiros tombados  
Vidas trazendo manhãs  
Claros revoltas águas rubras  
Do rio Araguaia  
Tempestuando nas multidões  
Imenso aluvião despejado  
Ao longo de norte a sul  
Libertária sendo escavada  
Avança em terra do Brasil

Quero finalizar dizendo que parte do sonho dos guerrilheiros do Araguaia se realizou, o povo derrotou a ditadura, vivemos um momento de avanços democráticos, conquistamos melhorias nas condições de vida da população, aumentando emprego, diminuindo a pobreza, avançamos na educação, na saúde, na infraestrutura, mas precisamos avançar muito mais. A outra parte do sonho dos guerrilheiros ainda está por vir que é a conquista de uma sociedade com justiça, paz e inclusão social, uma sociedade onde todos possam viver com dignidade, uma sociedade sem exploração nem opressão, uma sociedade que podemos resumir em uma única palavra: Comunista. Viva a guerrilha do Araguaia!” (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Convido o deputado Álvares Gomes para reassumir a presidência desta sessão da qual ele é o proponente.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido para a mesa um membro do Comitê Central Davidson Magalhães. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Ao iniciar, passo a palavra o Sr. Osvaldo Bertolino para fazer o seu pronunciamento.

**O Sr. OSVALDO BERTOLINO:-** Bom-dia a todas e a todos!

(Lê) *“Transmito, aqui, a saudação da Fundação Maurício Grabois, em nome do seu presidente, Adalberto Monteiro, aos presentes, às autoridades, aos integrantes da Mesa, aos organizadores deste evento, em especial, ao deputado Álvaro Gomes. Este ato soma-se a centenas de outros realizados pelo País afora e reforça a convicção dos democratas, patriotas e progressistas de que o combate à ditadura militar foi um dos mais expressivos capítulos da rica história de lutas do povo brasileiro.*

*A quantidade de eventos – das mais variadas formas, uns organizados por governos e entes legislativos; outros, por movimentos sociais – demonstra, de maneira bastante positiva, como ficaram isolados os que se atreveram a pronunciar algum tipo de apoio ao regime dos golpistas de 1964, ao passo que a resistência democrática vem sendo enaltecida e glorificada.*

*No Congresso Nacional, ouviu-se, apenas, uma voz conhecida e destoante se manifestar a favor dos golpistas. As manifestações pró-ditadura, mesmo abandonadas pela mídia, não expressaram mais do que diatribes e disparates de minguados participantes.*

*Dessa equação, podemos concluir que o significado desses atos é a execração da ditadura e a elevação dos ideais das mulheres e dos homens que empreenderam a resistência democrática e dos ideais que construíram as bases da democracia na qual o Brasil hoje se apoia para buscar seu desenvolvimento econômico, social e político e que custaram muitas lutas, sacrifícios inauditos e o sangue generoso de muitas vidas sacrificadas no combate aos algozes do povo brasileiro.*

*Há outra questão importante a destacar. Bem, no conjunto desses atos, surgiram mensagens fortes e convergentes de que aquela luta se propaga nos dias atuais com a exigência democrática de que, passados os 29 anos do fim do regime*

*discrecionalário de 1964, não é mais possível a Nação não ter conhecimento sobre a sua memória e a sua verdade.*

*O povo brasileiro tem o direito de conhecer a sua história e, ao mesmo tempo, ver os agentes do Estado, que cometeram torturas, praticaram assassinatos insanos e atentaram acintosamente contra os direitos humanos, serem devidamente punidos.*

*Que se abram todos os arquivos!*

*Que a voz da democracia se imponha sobre os que insistem em impedir o pleno exercício dos direitos dos cidadãos do povo brasileiro!*

*Falar da ditadura militar e da resistência democrática é percorrer o fio da nossa história. Ao fazê-lo, impõe-se a constatação de que o golpe militar representou um ato criminoso contra os mais sagrados direitos desta Nação e do seu povo. Nele, estavam condensados intentos que vêm dos que, sempre em nossa história, se opuseram ao progresso social e ao desenvolvimento do País. Tais ideais se ligam aos dos que ficaram contra a Independência, a Abolição, a proclamação da República e se condensaram, ao longo do século XX, para tentar perpetuar o século XIX, em especial depois da Revolução de 1930.*

*Quando os ventos democratizantes varreram o mundo logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, a ditadura do Estado Novo foi abaixo e, em seu lugar, emergiu um processo democrático que, mesmo alicerçado na Constituição de 1946, não resistiu aos golpes dos seus inimigos. O governo do general Eurico Gaspar Dutra desencadeou uma ofensiva golpista que atingiu duramente o Partido Comunista do Brasil; primeiro, com a cassação do seu registro eleitoral e, depois, com a cassação da sua bancada parlamentar.*

*O mesmo governo Dutra, peça fundamental do expansionismo do regime dos Estados Unidos na América Latina na nascente Guerra Fria, patrocinou o surgimento da Escola Superior de Guerra, fortemente influenciada pela doutrina norte-americana, subordinada ao Estado-Maior das Forças Armadas, que seria a incubadora das manobras que levariam o País a ser vítima do golpe de 1964 — depois de ter resistido a tentativas contra o segundo governo de Getúlio Vargas e os governos de Juscelino Kubitschek e João Goulart.*

*Para o PCdoB, conforme registra o documento intitulado 'Cinquenta anos de um golpe contra a democracia, os trabalhadores e o Brasil', recentemente publicado, o golpe militar teve dois aspectos principais.*

*Primeiro, a sua natureza foi antidemocrática e manifestada já nos primeiros atos do governo golpista, com cassações de mandatos parlamentares, prisões de lideranças sindicais, operárias e populares, aumento da repressão contra a luta democrática e patriótica, censura contra a imprensa e as artes.*

*Segundo, a reordenação do desenvolvimento brasileiro com a imposição do arrocho salarial e de regras favoráveis ao imperialismo e ao grande capital, sobretudo estrangeiro.*

*A trama golpista foi, abertamente, apoiada pelos Estados Unidos. A Escola Superior de Guerra foi o centro da conjura. A máquina golpista foi montada por setores do Exército. E a sustentação política era constituída, basicamente, por*

latifundiários, governadores e parlamentares direitistas, a mídia e o clero conservadores. Por trás de tudo, movendo todo o aparato, estava o embaixador dos Estados Unidos, Lincoln Gordon e o seu adido militar, o general Vernon Walters.

Esse conhecido militar norte-americano, famoso por prestar serviço a vários governos trabalhando pela Central de Inteligencia Americana — a famigerada CIA — foi designado para o posto de adido militar de Washington no Brasil com o objetivo deliberado de derrubar o governo do presidente João Goulart.

Na ocasião, o general lançou um livro com o sugestivo título de 'Missões Silenciosas'. A revista Newsweek, em sua edição de 10 de abril de 1966, publicou informações sobre as atividades de Walters na montagem do golpe no Brasil. Uma delas dizia que, sete dias antes da derrubada do governo do presidente João Goulart, o general havia telegrafado a Washington dando detalhes da trama golpista.

Quando assumiu a Presidência da República logo após o golpe, o marechal Humberto Castelo Branco ofereceu um jantar especial a Walters. Em entrevista publicada na revista IstoÉ de 20 de dezembro de 2000, Walters disse: "Fiquei bastante preocupado com aquele comício do presidente Goulart com bandeiras vermelhas." Referia-se ao "comício das reformas" realizado em 13 de março de 1964 em frente à Estação Ferroviária Dom Pedro II, também chamada de Central do Brasil, no Rio de Janeiro.

Em agosto de 1964, a Comissão Executiva do PCdoB divulgou o documento intitulado 'O Golpe de 1964 e seus Ensinamentos', avaliando o ocorrido como resultado dos avanços de um projeto estratégico dos setores mais reacionários internos a serviço do imperialismo norte-americano. A direção do PCdoB chegou à conclusão de que, para discutir profundamente a forma de enfrentar a ditadura militar, era necessário convocar uma conferência, que seria realizada em julho de 1966 em São Paulo.

Além das questões organizativas principalmente no tocante à segurança —, a Conferência debateu e aprovou a sua linha política, contida no documento intitulado 'Unido dos Brasileiros para Livrar o País da Crise, da Ditadura e da Ameaça Neocolonialista'. O documento diz: 'Perigo sem precedente paira sobre o Brasil, sujeito a viver longo tempo sob o regime ditatorial, a ter seu desenvolvimento interrompido e a perder suas características de nação independente. Em tal circunstancia, nenhum problema pode sobrepor-se ao objetivo de salvar o país desse perigo.'

Numa certa altura do texto, o PCdoB apontou a guerrilha como uma das principais formas de luta contra a ditadura: 'A ideia de que é indispensável empunhar armas para libertar o país do atraso e da opressão vem ganhando força. A luta revolucionária em nosso país assumir a forma de guerra popular.' A ideia contida no documento era a de realizar um intenso trabalho político e de organização popular, criando pequenos núcleos de combatentes, em especial no campo.

Com base nessa resolução da Conferência, o PCdoB saiu a campo para

verificar os melhores lugares para começar a implantação do trabalho da guerra popular. O Partido criou três pequenos grupos de trabalho — um dirigido por Maurício Grabois e João Amazonas, outro por Pedro Pomar e um terceiro por Carlos Danielli.

O grupo de Pomar trabalhou na região do Vale do Ribeira, em São Paulo. Carlos Danielli e seus companheiros foram para o oeste da Bahia, depois visitaram alguns pontos no Ceará, Piauí e Maranhão. Maurício Grabois e João Amazonas foram para a região do Araguaia, sul do Pará, que se liga às matas da Amazônia.

A proposta inicial era a de instalar vidros pontos de trabalho para uma futura guerra popular, mas naquela circunstancia o PCdoB julgou que seria mais sensato inicialmente concentrar as poucas forças existentes em apenas um local. A região do Araguaia foi considerada a mais apropriada devido à mata fechada.

O PCdoB avaliou que um ataque da reação ali seria dificultado porque o inimigo não poderia usar tanques, artilharia, bombardeio aéreo de precisão. As forças militares, a pé como os guerrilheiros, ficariam em desvantagem diante da preparação prévia da guerrilha. O local também possuía caça abundante, castanha-do-pará, babaçu e outras fontes de alimentação, além de ser propício às manobras militares das forças guerrilheiras com suas vastas extensões e profundidade.

O PCdoB começou efetivamente a implantar a Guerrilha do Araguaia em 25 de dezembro de 1967, quando Maurício Grabois, que seria o comandante militar dos guerrilheiros, desembarcou na região. Em julho de 1968, conduziu ao local João Amazonas e André Grabois, seu filho. Em seguida chegou Ângelo Arroyo, outro dirigente do PCdoB.

No ano de 1969, o número de militantes encaminhados à Guerrilha aumentaria significativamente. É que no dia 13 de dezembro de 1968, a ditadura decretou o AI-5, intensificando ainda mais as medidas repressivas. Na prática, estava decretado o terrorismo oficial de Estado. Para muitos desses militantes, viver nas cidades era caminhar à beira do precipício. O AI-5 abolira o habeas corpus e quem fosse preso dificilmente escaparia da morte.

No começo de 1969, o PCdoB realizou uma reunião ampliada do Comitê Central na qual aprovou o documento intitulado 'Guerra Popular - Caminho da Luta Armada no Brasil', que expôs, 'nos aspectos essenciais', a concepção 'da luta armada em que todo o povo brasileiro se empenhará para livrar o país da ditadura e do domínio imperialista norte-americano', e o 'Manifesto ao Povo', denunciando o banditismo da repressão e conclamando a unidade nacional para 'derrubar os opressores'.

Os guerrilheiros começaram a trabalhar e a conviver com os moradores da região em posses previamente adquiridas. Formaram lavouras, exploraram castanhais e montaram pequenos comércios. Ao mesmo tempo, desempenhavam um ativo trabalho social. O comando político da guerrilha era formado por Maurício Grabois, João Amazonas, Ângelo Arroyo e Elza Monnerat. Havia também a comissão militar e um comandante em cada um dos três destacamentos.

Na virada de 1972 para 1973, a ditadura desferiu um duro golpe na guerrilha



ao assassinar, sob tortura, os dirigentes do PCdoB Carlos Nicolau Danielli, Luiz Guilhardini, Lincoln Oest e Lincoln Bicalho Roque, que serviam de apoio nas cidades de São Paulo e Rio Janeiro. Em 12 de abril de 1972, a repressão havia iniciado o ataque à guerrilha. Um grupo de 20 soldados do 2º Batalhão de Infantaria de Selva atacou o destacamento A, comandado por André Grabois. Era o início da primeira campanha da repressão.

Dois dias depois, 15 soldados atacaram o destacamento C, que conseguiu manter contato com a comissão militar, que avisou o destacamento B. Nessa troca de avisos, foi preso o primeiro guerrilheiro — José Genoíno Neto, que havia sido enviado do destacamento B para o A.

Estavam na região 69 guerrilheiros, com boas reservas de alimentos, roupas, remédios e munição, mas com armas precárias. Surpreendidos pela ação resoluta dos guerrilheiros, os homens da repressão decidiram deixar o local em julho de 1972.

A segunda campanha começou em setembro de 1972, com um contingente de oito mil a dez mil homens espalhados em bases montadas em fazendas e roças. Os guerrilheiros estavam mais experientes. O conhecimento da mata era maior, o contato com a população estava mais consolidado e a preparação militar havia sido intensa. Novamente recebidos por uma resistência decidida, em novembro de 1972 os repressores decidiram deixar a região para preparar uma nova operação.

Os homens da repressão montaram, no período de trégua, uma grande rede de espionagem e investiram em obras de infraestrutura. Agentes a serviço do Exército e da Polícia Federal infiltraram-se entre os moradores. Foram construídos quartéis em várias cidades, estradas foram abertas e outras melhoradas. A comissão militar também aproveitou esse período de calmaria para preparar a guerrilha. Foram distribuídos vários documentos, principalmente o Programa da União pela Liberdade e pelos Direitos do Povo.

Em outubro de 1973, precisamente no dia 7, começou a terceira campanha — a fase sinistra da guerra, na definição de um padre da região. A primeira providência foi a de criar um vazio em volta dos guerrilheiros, com ocupações, prisões e torturas. Quase toda a população masculina das localidades onde atuava a guerrilha foi presa.

Casas, paióis e pontos comerciais foram destruídos. O número de soldados que chegavam à região não parava de crescer. Os homens da repressão montaram bases de operação no meio da mata, apoiadas por helicópteros, e instalaram um forte aparato de guerra.

As forças militares mobilizadas para o combate final eram gigantescas. As tropas do Exército foram ajudadas por aviões e helicópteros da Força Aérea Brasileira, lanchas da Marinha e equipes especializadas, como a Brigada de Paraquedistas, sediada no Rio de Janeiro, e o Comando de Operações na Selva. Os postos da Polícia Militar instalados nas rodovias funcionaram como apoio para as 'investigações'.

O conceito dessas ações foi definido pela repressão como 'guerra suja' — não

*havia regras para as perseguições. Moradores foram expulsos de suas casas, tiveram suas posses destruídas, foram presos e cruelmente torturados. Muitos foram executados.*

*Em Xambioá, foram construídos buracos, conhecidos como 'Vietnã', para onde eram levados os suspeitos de ajudar a Guerrilha — uma grande parcela da população, sendo que os presos e torturados, segundo cálculos de Ângelo Arroyo, um dos dirigentes da Guerrilha, foram mais de mil — e lá deixados por dias e noites, alguns pendurados de cabeça para baixo. O efetivo mobilizado foi o maior movimento de tropas desde a organização da FEB na segunda guerra mundial.*

*As operações abrangeram um imenso território em volta da área de conflito e em alguns pontos foram lançadas bombas Napalm — uma espécie de reagente químico. A estratégia da segunda campanha, formulada pelos generais Antônio Bandeira, Viana Moog e Hugo Abreu, juntaram-se às colaborações do coronel do Exército português Hermes de Oliveira, veterano das guerras coloniais na África, e, possivelmente, ajuda de militares norte-americanos.*

*O regime havia avaliado a dimensão do movimento guerrilheiro e chegado a conclusão de que ele era resultado de um planejamento estratégico do PCdoB. Houve, no final das contas, um choque entre duas concepções para o país, radicalmente opostas — uma mobilizava um ideal democrático e outra uma gigantesca máquina de guerra fascista.*

*Na definição do general Viana Moog, a Guerrilha do Araguaia foi 'o mais importante movimento armado rural já ocorrido no Brasil, principalmente por ter sido mais organizado'.*

*Essa convicção de que aquele movimento de resistência deveria desaparecer do mapa e da história foi firmada quando o Estado-Maior do Exército, sob o comando do general Orlando Geisel, reconheceu o fracasso das duas primeiras operações regulares — conforme atesta um relatório do Centro de Informações do Exército. Tomou-se, então, a decisão de desencadear a 'guerra suja'.*

*No início da operação, batizada de 'Sucuri', instalou-se na região um sujeito chamado Marco Antônio Luchini, enviado como engenheiro do Incra. Era na verdade o major Sebastião Rodrigues de Moura, o famigerado Curió, ferrenho anticomunista que em 1961, como tenente, foi preso por participar da trama que tentou impedir a posse presidencial de João Goulart.*

*Curió foi, possivelmente, a figura que mais encarnou o espírito da 'guerra suja', que rasgou todas as leis e os princípios que regem os conflitos militares e os direitos básicos do ser humano.*

*Com o fim dos combates, ele se estabeleceu na região, onde foi eleito deputado, dominou o garimpo de Serra Pelada a força e fundou uma cidade em homenagem ao seu nome, chamada Curionópolis.*

*Em 25 de dezembro de 1973, Curió comandava a patrulha que no final daquela manhã chuvosa, por volta das onze horas e vinte e cinco minutos, encontrou um grupo de guerrilheiros.*

*O major viu entre eles aquele que um relatório do Centro de Informações do*

*Exército classificou como o comandante militar da Guerrilha, que se destacava dos demais pela idade, - estava com 61 anos. Maurício Grabois recebeu um tiro de fuzil no braço esquerdo, abaixou-se, puxou o revólver e revidou até ser atingido mortalmente.*

*No tiroteio contra a Comissão Militar, dos quinze que estavam no grupo, dez sobreviveram. Os mortos foram, além de Maurício Grabois, seu genro Gilberto Olímpio Maria, Libero Giancarlo Castiglia, o 'Joca', Paulo Mendes Rodrigues e Guilherme Gomes Lund. Os últimos guerrilheiros foram capturados e assassinados no primeiro semestre de 1974 afora os que conseguiram sair da região.*

*Mesmo derrotada militarmente, a Guerrilha do Araguaia cumpriu um papel relevante. Apesar da forte censura, ela chegou ao conhecimento de muitas pessoas, de boca em boca, pelos jornais clandestinos, por notícias de emissoras de rádio do exterior, alimentando o ânimo e a esperança da oposição ao regime.*

*Hoje, o exemplo do Araguaia, a coragem dos guerrilheiros e a disposição de pagar com a própria vida a ousadia de enfrentar a ditadura impulsionam setores do povo — em especial da juventude — a se engajarem na luta democrática e popular. Os nomes dos guerrilheiros e guerrilheiras, como os baianos Dinalva Oliveira Teixeira, a Dina; José Piauhy Dourado, o Ivo; Uirassu de Assis Batista, o Valdir; Rosalindo de Sousa, o Mundico, entre outros, encontram-se na galeria de heróis do povo brasileiro. Sem falar no Zezinho do Araguaia, que honra esta Casa e a Bahia com a sua presença.*

*A ação criminosa da ditadura voltou a repetir-se em 1975 e 1976, com os assassinatos de Vladimir Herzog e Manoel Fiel Filho. Em 16 de dezembro de 1976, ocorreu a Chacina da Lapa, em São Paulo. A casa onde se realizavam as reuniões do Comitê Central do PCdoB foi atacada; Pedro Pomar e Ângelo Arroyo foram assassinados na ocasião, João Batista Drummond foi morto na tortura.*

*E os dirigentes Haroldo Lima, Aldo Arantes, Elza Monnerat e Wladimir Pomar, além do motorista Joaquim Celso de Lima e da caseira Maria Trindade, foram presos e torturados. Era a vingança da ditadura contra aqueles que ousaram dirigir a resistência armada no Araguaia.*

*Em 1984, há 30 anos, foi apresentada ao Congresso Nacional a Emenda Dante de Oliveira, que instituía a eleição direta para presidente da República. As forças democráticas e populares realizaram, entre novembro de 1983 e abril de 1984, provavelmente as maiores mobilizações de massas já vistas no País. Foi a chamada campanha das 'Diretas Já!'*

*Sob ameaça da ditadura, a emenda foi votada pelo Congresso Nacional em 25 de abril de 1984, sem alcançar o número de votos suficientes para sua aprovação. Desde então, o foco da agenda nacional passou a ser a eleição presidencial indireta, marcada para o Colégio Eleitoral, em 15 de janeiro de 1985. A eleição de Tancredo Neves assinalou o fim da ditadura.*

*Sem abandonar a luta nas cidades, o PCdoB, orientado pela teoria da 'Guerra Popular Prolongada', cumpriu o seu papel histórico, assim como outras forças democráticas, que igualmente resistiram a ditadura de variadas formas. Os ideais*

*democráticos prosseguem hoje com a batalha para ampliar a democracia com a inadiável Reforma Política necessária para elevar a participação do povo nos destinos da nação, fortalecendo os partidos e assegurando o pluralismo político, estabelecendo o fim do financiamento privado das campanhas eleitorais.*

*Neste momento, é necessário resgatar o papel do campo democrático e progressista na luta em defesa da democracia. Ao mesmo tempo, denunciar a recorrente intervenção golpista das forças reacionárias contra os ciclos progressistas do País. Foi o mesmo golpismo que veio a tona, em 2005, quando essas forças, alegando o chamado "mensalão", atacaram o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva e chegaram a tentar, com o apoio da mídia, cassar o seu mandato.*

*Este espírito de revanche moveu a ação da direita e dos conservadores brasileiros nos últimos 11 anos de governo. E uma ação contra os avanços da democracia política e social, sempre ceifados ou sufocados pela direita na história da República - ação desestabilizadora que também ocorre contra outros governos progressistas e anti-imperialistas na América Latina.*

*Na data simbólica do cinquentenário do golpe de 1964, o PCdoB registra que comemora 92 anos na defesa permanente da democracia, defende a união de amplas forças políticas e sociais, democráticas e progressistas, em defesa do Brasil, do desenvolvimento, da democracia e do progresso social, barrando qualquer tentativa de retrocesso.*

*Muito obrigado.”*

*(Palmas.)*

*(Não foi revisto pelo orador.)*

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Nesta Sessão especial temos 13 personalidades compondo a Mesa. Então vamos fazer o seguinte: o guerrilheiro Miquéias, Zezinho; o Waldir Pires, nosso eterno governador; e o Joviniano Neto, terão um tempo maior. Como referência terão o tempo de 10 minutos, os demais membros da Mesa farão uma saudação rápida de 3 minutos para que a sessão não se torne tão cansativa. Tivemos aqui uma extraordinária contribuição de Osvaldo Bertolini que fez um relato da Guerrilha do Araguaia com uma riqueza muito grande. Portanto, essa parte está contemplada, o que teremos agora são saudações. Além, evidentemente, dos pronunciamentos importantes e dos relatos importantes de quem viveu pessoalmente a guerrilha, no caso de Zezinho, e de quem viveu e conhece profundamente a situação, no caso do governador Waldir, atualmente vereador, e de Joviniano Neto, que é o presidente da Comissão da Verdade.

Queria registrar a presença de Ronaldo Alves do Nascimento, presidente do Sindicato dos Bancários de Camaçari; Luiz Gavazza, diretor-presidente da Bahiagás; Geraldo Galindo, militante histórico, ex-presidente do PCdoB local; Inalba Fontenelle, presidente do Sindsaúde; Renildo Souza, ex-presidente do PCdoB, também um dos históricos do nosso partido; Associação União de Mães de Valéria, está aqui Sandra representando essa importante entidade; Universidade Federal da

Bahia, Sindicato dos Bancários da Bahia, Secretaria do Trabalho, Secretaria do Desenvolvimento Urbano – Sedur, UJS, União Brasileira de Mulheres, Iapaz, Sindicato dos Metalúrgicos, Associação Cultural José Martí, assessora da deputada federal Alice Portugal, Associação dos Moradores de São José do Cabrito e Plataforma, Assufba, PCdoB de Jeremoabo.

Antes de passar a palavra para Zezinho fazer um relato importante, queria que o Cerimonial trouxesse aqui uma placa para homenageá-lo.

(Entrega da placa ao homenageado.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes): - Agora, concedo a palavra a Zezinho para fazer seu relato, com o tempo referência de 10 minutos, podendo ultrapassar um pouco se necessário for.

**O Sr. MICHÉAS DE ALMEIDA:-** Srs. e Sr<sup>as</sup> Presentes, quero agradecer a esta Casa por proporcionar este momento tão importante das nossas vidas. Eu não fui um guerrilheiro, continuo sendo um lutador dos camponeses, embora exilado nas cidades. Nós, camponeses do Araguaia, assim como os camponeses de todo o mundo, assim como as crianças que iniciam o trabalho aos seis anos de idade e não têm o reconhecimento de trabalho, como o estudo é um trabalho não reconhecido, nós, camponeses, lutamos no Araguaia não apenas para derrubar governo nenhum. Ali, com todas aquelas dificuldades, conseguimos manipular a vacina contra a malária e leishmaniose.

Vejam, até hoje com todo o conhecimento e avanço social, eles ainda fazem campanha da dengue, que é uma vergonha, e não fazem o que deve ser feito. Nós, camponeses do Araguaia, lutamos por liberdade; lutamos pelo desenvolvimento de toda a humanidade, desafiamos todas as dificuldades como até hoje.

Quero prestar uma homenagem àquelas mulheres que, para mim, são heroínas da costa terrestre. Não tenho palavras que possam descrever cada mulher daquela. E a Bahia tem um acervo das heroínas e ainda tem Luzia Reis, que está viva, pena não estar aqui presente hoje. Temos outros companheiros que continuam vivos e que foram presos no primeiro ano de luta, porém do segundo ano em diante só eu estou vivo. Foi difícil usar mais de 80 nomes para conseguir chegar aqui hoje. É difícil, para mim, lutar para que os meus companheiros sejam identificados, pois foram exumados 26 corpos sem identificação, e apenas a primeira mulher Maria Lúcia Peti foi identificada. E graças a Regilena e Elza Munerá, agradeço também a Luiza Erundina, quando prefeita, inseriu a Guerrilha do Araguaia como material de pesquisa e Luiz Eduardo Greenhalgh inseriu na CPI a Guerrilha do Araguaia, e Regilena ali com um documento pode mostrar que aquela primeira companheira que foi morta era Maria Lúcia Peti, e foi identificada.

Tivemos outros companheiros, os primeiros, Berkson Gurjão que passou anos jogado embaixo de uma mesa na Polícia Federal, em Brasília, passou também uma temporada num armário, o x1, o x2 e o x3 que era a denominação de cada caixa dos companheiros. E só viemos identificar graças à luta de companheiros como Daniel Almeida, que foi o primeiro presidente da Comissão especial de Anistia no Congresso Nacional, uma luta que travamos durante 6 anos para unir as duas casas: Ministério

da Justiça, Comissão de Anistia, com a Comissão de Direitos Humanos, e isso resultou, mais tarde, com Pompeu de Matos, que é do Rio Grande do Sul, nos ajudando a identificar o corpo de Dércio, e aí fizemos o sepultamento.

Ainda existem outros corpos que estão sem identificação, que são vilipendiados por alguns que se acham de esquerda, mas são contra a identificação desses companheiros.

Faço o apelo aqui à Bahia e a todos os estados para que façamos uma campanha pela identificação dos corpos. O mais difícil era mostrar a sepultura, e hoje o mais difícil é sabermos onde estão os restos mortais exumados. Não sabemos onde estão. Faço um apelo para que vocês nos ajudem no resgate.

Não é fácil a nossa luta para unir a luta dos camponeses, que é a ciência empírica, com a ciência acadêmica. No dia em que conseguirmos encontrar essas duas ciências, teremos projetos racionais e sustentáveis.

Temos uma luta em Xambioá, para construir o memorial do Araguaia, para o desenvolvimento dos pequenos e médios municípios, que não se desenvolvem por falta conhecimento. Essa é uma luta que era dos guerrilheiros, a qual ainda perseguimos até hoje. Eles tombaram, mas continua a luta dos companheiros.

Gostaria de chamar atenção para o fato de que se passaram 50 anos do golpe militar de 64 e 42 anos da guerrilha. Deixa-me incomodado saber que ainda não fizemos avaliação de todas as lutas dos séculos passados e das conquistas alcançadas pelo camponeses e operários no Brasil, que foram destruídas pela ditadura militar de 64, da qual não fizemos avaliação. Brigamos, muitas vezes, com a Globo por esses avanços.

Chamo atenção para que comecemos a passar para essas gerações os avanços que existiram no Brasil. Inclusive, a nossa moeda era lastreada em ouro, eles levaram para os Estados Unidos o ouro que lastreava nossa moeda. Hoje, ainda ficam acusando a, b e c de mazelas, que vieram deles. Lutamos na Guerrilha do Araguaia para que isso fosse do conhecimento de toda a população brasileira.

Por último, gostaria de ler um poema que escrevi e dediquei à mulher.

É Horizonte do futuro o título do poema.

(Lê) *“Horizonte do futuro*

*Somos todos filhos do planeta que habitamos.*

*Da terra, do ar, rios e mares, dos nossos pais; a sustentação da vida.*

*O homem é o monstro de hoje. Descobrirá, um dia, que é um animal da terra, e que é fruto desta, e que para continuar existindo é indispensável o amor e respeito à diversidade.*

*Os camponeses e os índios, os animais e insetos, as crianças, adultos e velhos, todos são estudantes, professores e cientistas, são ou devem servir de professores ao homem,*

*para que possam voltar a ser como tal: animal ou animais.*

*O transformar do homem em monstros é o individualismo e o egoísmo, o poder sobre os outros.*

*Desenvolvimento é preciso e necessário, mas com amor e respeito. Os meios*

*de produção devem estar servindo ao homem no planeta e não escravizando-o.*

*O bem-estar, a alegria, o prazer, a felicidade são um bem comum, e não privilégio de poucos.*

*A você, planeta, a você, Terra!*

*Oh! Mulher, fonte de amor e esperança, fonte de vida e inspiração, com tua sensibilidade e sabedoria mudarás o homem monstro em animal.*

*Amo a máquina transformadora: a Mulher.”*

Obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Muito bem. Nosso guerrilheiro-poeta, Zezinho.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido para receber a placa de homenagem em nome dos guerrilheiros baianos, junto com os familiares, Nelson Lima Dourado, Getúlio Soares e Diva Santana. A Sr<sup>a</sup> Diva é irmã de Dinaelza, assim como Getúlio.

(O Sr. Presidente procede à entrega da placa de homenagem.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra à Sr<sup>a</sup> Diva Santana, representando os familiares dos guerrilheiros baianos.

Convido para compor a Mesa o presidente estadual da União da Juventude Socialista, Vladimir Meira. (Palmas.)

**A Sr<sup>a</sup> DIVA SANTANA:-** Bom-dia a todos e todas! Quero fazer uma saudação à Mesa na pessoa do deputado Álvaro Gomes, que teve a iniciativa de prestar essa homenagem aos guerrilheiros do Araguaia. Quero também fazer uma saudação ao ex-governador, hoje, vereador Waldir Pires, uma pessoa que nos honra muito com a sua presença nesta discussão porque ele é parte dela, também. Ao professor Joviniano Neto, que foi o primeiro presidente do Comitê pela Anistia na Bahia. Ao deputado federal Daniel Almeida, nosso presidente do PCdoB, aos demais companheiros, companheira Julieta Palmeira, também uma mulher guerreira na luta por mudanças neste País, na luta por transformações, e fazer uma grande saudação ao Plenário. Vejo aqui companheiros e camaradas dessa luta que são comprometidos com a luta do resgate histórico e da verdade e justiça em nosso País.

Uma saudação enorme aos familiares dos desaparecidos, pessoas que vêm buscando saber o que aconteceu aos seus familiares mesmo 42 anos após a luta do Araguaia; as famílias dos guerrilheiros vivem procurando saber o que fizeram, como morreram e onde foram sepultados os seus parentes. Ainda continuamos nessa luta como se estivéssemos começando agora.

Sou conselheira da comissão sobre mortos e desaparecidos políticos, da Lei 9.140, e temos ainda um grande entrave. O Brasil já sofreu duas sanções penais, uma da Justiça Brasileira, outra da Corte Internacional, recentemente, em 2010.

O governo brasileiro, hoje, procura dar uma resposta a essas sentenças judiciais. A sentença do Brasil é a localização dos corpos, as circunstâncias das mortes, os atestados de óbitos, sobre os quais falarei depois, e a abertura dos arquivos

das forças armadas. Essa é a sentença do Brasil. A sentença da corte internacional vai mais além, pois tem reparações, tem algumas medidas a serem tomadas, e que estão sendo tomadas no curso desse processo.

Mas, o que quero enfatizar mais ainda é que, diante dessas sentenças e de iniciativas de familiares, hoje contabilizamos 27 ossadas que estão acondicionadas na Universidade de Brasília, sob medida judicial. Essas ossadas vêm sendo examinadas, vêm sendo trabalhadas para identificação dos DNAs. Os sangues de 96% dos familiares já foram coletados, encontram-se num banco em Brasília, e tem também guardados em áreas fora do Brasil, por medida de segurança.

Essa é uma questão que trago para todos pois essa luta não é só dos familiares. Se estamos aqui é porque a sociedade brasileira não se acomodou com a lei da anistia somente. Essas amostras já estiveram fora do Brasil, mas são feitas de uma forma muito lenta. São 42 anos do Araguaia. A primeira escavação que se fez no Araguaia foi em 1991. Tinha a Maria Lúcia Petit, que foi identificada 10 anos depois, porque o militar vende para o Jornal O Globo um documento que ele tinha. O militar não é identificado imediatamente, mas depois soubemos que foi o general Bandeira que vendeu para o jornal *O Globo* material onde tem numa foto de uma mulher. Aquela foto que sai no jornal bate com a foto da pessoa que foi exumada no cemitério da cidade de Xambioá, em Tocantins.

Então, é identificada a Maria Lúcia Petit. Vinte anos depois, é identificado o Bergson Gurjão Farias, retirado também do mesmo local, do mesmo cemitério de Xambioá. E as outras ossadas encontram-se em Brasília. Fora do Araguaia temos cerca de mil e tantas ossadas que foram retiradas do cemitério de Perus, e que também não há interesse, são de outros desaparecidos. No Brasil contabilizamos 136 pessoas desaparecidas, onde 69 dos que saíram da cidade desapareceram no Araguaia. Há uma estimativa de mais de 100 desaparecidos na Guerrilha do Araguaia, só na região do Pará.

Então, é uma luta constante nossa, dos familiares e de organizações da sociedade civil. É uma luta constante. Acredito que temos de lembrar, Álvaro Gomes; temos de fazer atos; temos de contar a história, Osvaldo Bertolino; temos de falar da Guerrilha do Araguaia; temos de falar da casa da morte de Petrópolis; temos de falar da fazenda 21 de março; temos de falar da fazendinha, aqui, na Bahia, em Alagoinhas; temos de falar dos porões da tortura e da tortura, porque essas coisas têm de ser esclarecidas.

Este País, só para concluir, Álvaro Gomes, – sei que o meu tempo é curto – encobre a história. Não tenho sobre isso nenhum estudo científico, nem histórico, mas penso que, para encobrir as violações e proteger uma minoria dominante, penso assim. Então, desde o início da história, a escravidão, as lutas populares, que o Zezinho lembra muito bem, a gente precisa ler as lutas do nosso povo por independência, por liberdade e por justiça. Não podemos deixar de ver, de estar presente e de estar lendo, até para que determinadas coisas não se repitam e que possamos avançar no processo para ganharmos espaços. Temos de lembrar e de fazer atos, seja aqui ou no Quartel do Barbalho.



No Brasil, hoje, atualmente, felizmente, esse processo ganhou um corpo, a partir da criação da Comissão da Verdade. Hoje, para nossa sorte, para a nossa grandeza e para a democracia, está se discutindo os porões, os torturadores e as torturas. Essa é uma luta nossa, a qual não devemos esquecer, até para não acontecer mais.

Concluo dizendo que nós queremos saber, sim, o que foi feito dos nossos parentes. Queremos saber onde eles foram enterrados e como eles morreram, porque eram lutadores, foram e são heróis do povo brasileiro. Então, nós vamos continuar nessa luta e não vamos deixar arriar a nossa bandeira.

Estamos, hoje, no governo Dilma, participando, junto com ela e com os demais companheiros dessa luta, e buscando esses esclarecimentos, porque a verdade tem de ser dita. Só com a verdade podemos passar essa história a limpo – não é, professor Joviniano – e virar a página dessa história. Mas isso só pode acontecer com a verdade.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao deputado federal Daniel Almeida, presidente do nosso partido.

Informo que esta sessão está sendo transmitida ao vivo e que depois providenciaremos os DVDs para distribuir a algumas lideranças.

**O Sr. DANIEL ALMEIDA:-** Cumprimento o deputado Álvaro Gomes e, em nome dele, todos os deputados e a Assembleia Legislativa da Bahia, que tem a iniciativa de realizar esta sessão especial para dar voz a tantos lutadores em defesa da liberdade e da democracia do nosso País. Quero cumprimentar todos que compõem a Mesa, o Aurino; a Julieta; o Carlos Valadares; a Diva Santana; o Zezinho do Araguaia, guerrilheiro, como se apresenta, sempre na luta em defesa da liberdade, que foi vítima direta desse episódio do Araguaia; o Osvaldo Bertolino; o Waldir Pires, que, estando no governo deposto de João Goulart, foi vítima também e esteve sempre presente na trincheira da luta em defesa da democracia e da liberdade, combatendo a ditadura militar; o Joviniano Neto, que, quando comecei a atividade política, aqui, no movimento social, junto com o Renildo Souza, que está ali, já fazia parte daqueles que estavam na trincheira, organizando a sociedade civil para combater a ditadura e lutar por anistia e por liberdade; a Antônia, que vejo ali também, companheira dessa luta de tanto tempo; o Barretinho; e o Vladimir, jovem da nossa luta. Cumprimento todos, Nelson e, em seu nome, todos os familiares e outros segmentos que, aqui, participam.

Eu já estou absolutamente contemplado pelos relatos e elementos levantados aqui pelos demais oradores, especialmente a informação trazida por Osvaldo Bertolino, que expressa, com clareza, o posicionamento político e a fundamentação que levou o PCdoB a participar dessa caminhada em defesa da liberdade, da democracia: a Guerrilha do Araguaia. Osvaldo Bertolino expressou, com detalhes, todos os elementos desse momento da vida política do nosso País, esse episódio da

nossa história que ainda precisa ser contado com os elementos que precisam ser completados com a verdade, resgatando a memória.

Mais do que qualquer coisa estamos aqui para lembrar esse 69 jovens, líderes políticos que, naquele contexto, tiveram a responsabilidade de fazer, de forma organizada, a maior resistência urbana e rural à ditadura militar. Nós, do PCdoB, não tivemos nenhuma dúvida de que essa seria uma luta prolongada e que deveríamos fazer a batalha em todos os campos. E fizemos assim no movimento social, no Parlamento, nas instituições, na sociedade civil, e usando o instrumento da resistência armada quando foi necessário. Especialmente quando o AI-5 demonstrou claramente que o regime estava disposto a entrar naquela fase que se denominou a Guerra Suja, na Guerrilha do Araguaia e também em outros episódios da resistência à ditadura militar.

Neste ano, comemora-se 50 anos desse episódio da vida do nosso País. Temos, sim, o que comemorar, nós que resistimos, lutamos e derrotamos os militares.

É bom verificarmos, Waldir, que, neste momento, nesta conjuntura, tivemos a oportunidade de ver o Congresso Brasileiro restituir os mandatos de João Goulart e daqueles que foram cassados em 1946: os membros do Partido Comunista, os deputados e o senador Luís Carlos Prestes. Esta Assembleia Legislativa restituiu os mandatos daqueles que foram cassados aqui, na Bahia. Isso revela um momento político novo na trajetória deste País, que fez parte da nossa construção, da resistência que fizemos, e das lutas todas que travamos nessa trajetória.

Esse é um processo que está em curso. O direito à memória e à verdade é algo que está incompleto. Não conseguimos ainda esclarecer episódios que fazem parte dessa trajetória histórica e que ainda é uma mancha no processo de aprofundamento e consolidação democrática.

Os familiares têm todo o direito de continuarem a exigir que os corpos daqueles que foram vítimas sejam identificados. Esse é um direito não só dos familiares, ele está nos acordos internacionais e na decisão de qualquer sociedade que se propõe democrática: o direito à verdade e à memória, para que esses episódios não voltem a acontecer.

As lutas travadas em torno das grandes reformas estruturantes estão em curso. Nós avançamos, mas é preciso continuar essa caminhada em torno das grandes reformas: a reforma agrária; a reforma política, que é mãe de todas as reformas; a reforma urbana; a reforma dos meios de comunicação.

Os meios de comunicação ainda preservam o monopólio golpista em nosso País, tentando impedir e consolidar qualquer avanço. Podemos verificar, na realidade política do nosso País, com o massacre que se faz, hoje, contra a Petrobras, exatamente para impedir que ela se consolide como a empresa que é, com a responsabilidade que tem de explorar uma riqueza que acabamos de descobrir, o pré-sal, que servirá para a abordagem de temas como a educação e a saúde no nosso País. O que se quer fundamentalmente, o que eles fazem hoje é impedir que o regime de partilha na exploração do pré-sal se consolide e que a Petrobras seja capaz de fazer isso. Tudo isso faz parte das grandes reformas que estão em curso e que faziam parte

dos elementos que levaram ao golpe. O discurso de João Goulart, em 13 de março de 64, traz um elenco de pontos desse conteúdo de reformas estruturantes que perpassam esse longo período que está presente ainda hoje.

Então, o nosso PCdoB vem aqui para dizer, Álvaro, a esta Assembleia Legislativa e a todos que lutaram em torno da defesa da liberdade e da democracia de um país mais justo, que continuamos inspirados nesses jovens que acreditaram num país livre, democrático, que emprestaram sua vida, o sangue para construir esse caminho, essa trajetória.

Muitos de nós entramos na luta política inspirados nessa resistência heróica. Temos o que comemorar, mas temos muito que arregimentar as nossas energias, ampliar as forças políticas para continuar fazendo as mudanças e impedir retrocessos. Neste momento no Brasil o grande desafio é continuar avançando e impedir o retrocesso.

Parabéns, Álvaro! Parabéns à Assembleia Legislativa! Vamos à luta em defesa da memória e da verdade. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra a Julieta Palmeira pelo tempo de 3 minutos.

**A Sr<sup>a</sup> JULIETA PALMEIRA:-** Eu queria saudar a Mesa em nome do deputado Álvaro Gomes e todos que estão aqui presentes. O meu tempo é curto, então, eu queria aqui, em primeiro lugar, dizer que é com muito orgulho que vejo esta Assembleia Legislativa homenagear os combatentes da Guerrilha do Araguaia.

Isso é um fato inédito, porque de fato mesmo a guerrilha precisa tomar o vulto que ela tem na história do Brasil. A Guerrilha do Araguaia, que foi uma luta de resistência contra a ditadura militar, precisa estar ao lado das lutas de independência, como foram o Dois de Julho, a Independência do Brasil, a Revolta dos Malês, a Revolta dos Búzios, a Revolta das Farroupilhas, a luta de Trombas e Formoso, não é, Zezinho, e de tantos outros. A Guerrilha do Araguaia tem esse vulto e precisamos resgatar esse protagonismo que a guerrilha tem na luta pela democracia e pelo avanço em nosso país, pelos direitos do povo, mas, principalmente, pela liberdade em nosso país. É isso que ela é e por isso temos direito à verdade e ao resgate.

Eu gostaria aqui de dizer e pedir licença aos familiares e a todos aqui presentes para prestar a minha homenagem às mulheres do Araguaia (Palmas). Essas mulheres baianas, muitas delas, do contingente de onze baianos que foram ao Araguaia, três eram mulheres. Duas estão desaparecidas, somente uma, a Luzia, está aqui presente.

Portanto, a Guerrilha do Araguaia representa a luta das mulheres por um Brasil melhor, dos jovens, como Iraçu Batista, que tinha 19 anos quando morreu no Araguaia, combatendo contra a ditadura militar; dos trabalhadores e muitos participantes da guerrilha e dos camponeses, como Zezinho do Araguaia.

Quero aqui, então, dizer que os ideais da Guerrilha do Araguaia, de jovens, de uma geração de bravos que foram ao Araguaia lutar pela democracia em nosso país combatendo a ditadura militar, têm que nos iluminar nessa trajetória histórica do

Brasil para consolidar a democracia em nosso país e que hoje se traduz por consolidar, efetivamente, as conquistas obtidas desde a década de 70 até hoje, quando completamos 50 anos de início da ditadura militar no País. É isso que essa Guerrilha do Araguaia deve representar para nós hoje. E mais do que isso, a Guerrilha do Araguaia não foi um movimento espontâneo. Na história do País, é a primeira resistência que um partido político organizou no País, efetivamente, para lutar pela democracia, pela liberdade e pela soberania. E eu tenho orgulho de participar desse partido, que é o Partido Comunista do Brasil, o PCdoB.

Viva os combatentes do Araguaia! (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Com a palavra o presidente da CTB, Aurino Pedreira, pelo tempo de 3 minutos.

**O Sr. AURINO PEDREIRA:-** Bom-dia a todos e a todas. Quero saudar a Mesa em nome de Álvaro Gomes, companheiro Álvaro Gomes, sindicalista, deputado e camarada Álvaro e o camarada Zezinho, até para garantir os 3 minutos de uma rápida intervenção; também não poderia deixar de prestar esta homenagem aos trabalhadores e à Assembleia Legislativa, que está reproduzindo, cada vez mais, o processo histórico dos nossos 42 anos da guerrilha. Mas eu queria rapidamente pontuar algumas questões, alguns elementos que considero importantes dentro desse processo, desse debate da guerrilha, desse debate da nossa trajetória histórica, desse debate das transformações que o nosso Brasil aponta.

Primeiro, é essa referência à questão do período histórico. Vemos a história como algo assim muito distante, fatos que aconteceram no passado e em certo momento debatemos e discutimos. Mas estamos aqui debatendo, tendo a oportunidade de debater uma história presente, algo que aconteceu há 42 anos, e parte deles está aqui presente, seja sua faixa etária a de criança, adolescente ou o próprio adulto, em certa medida vivenciaram. Então, queria chamar a atenção de que a Guerrilha do Araguaia é a história presente. É o momento presente e está no processo de condução, seja do ponto de vista de nós buscarmos resgatar a verdadeira história e a trajetória que todos aqueles que participaram dela tiveram, seja dos recentes processos de transformação que o nosso País está vivendo, que o nosso continente latino-americano está vivendo. É parte dessa questão e esses companheiros – alguns já tiveram suas vidas ceifadas, outros que estão aqui presentes como o camarada Zezinho – são parte disso. Estamos vivenciando essa história e esse elemento para mim é importante. É importante nós traduzirmos que estamos na condução ainda dessa trajetória dessa história presente.

Segundo, é um ato em si a guerrilha, a guerrilha em si, acho que vários movimentos insurrecionais, lutas que o nosso povo, ao longo da sua trajetória histórica, travou, mas a guerrilha traz algo assim, dois elementos importantes: o primeiro elemento é a tentativa do silêncio da guerrilha, do silêncio daquela batalha que ocorreu, do silêncio das atividades que os nossos guerrilheiros tiveram no Norte do País, não a batalha só em si, mas a relação dele com o campo, não só o processo

da redemocratização do nosso País, mas, acima de tudo, do processo de uma transformação social do nosso País.

Então, a guerrilha traduz isso para nós. E, por isso, por essa questão, ela foi tão fortemente, de uma forma tão intensa combatida pelo Exército, pelo governo daquele momento. Acho esse destaque importante de nós verificarmos, porque é uma luta insurrecional mas é uma luta concreta de uma grande transformação social. Por isso o silêncio, por isso a história até hoje não foi devidamente contada. Por isso é que nós trabalhadores precisamos debater, vivenciar, continuar com a nossa história. Naturalmente hoje todas as bandeiras de luta que os trabalhadores e as trabalhadoras têm nesse debate de avançar cada vez mais na nossa é parte disso, é parte dessa trajetória, desse legado, dessas manifestações que ao longo do tempo temos travado.

Então, Zezinho, é uma homenagem a você e todos aqueles que participaram desse processo e seguramente nós, pelo menos eu particularmente, sinto-me assim parte disso, e o fato de sermos parte disso é que nos oxigena, efetivamente, a transformar cada vez mais o nosso País. Estou muito feliz com essa iniciativa, deputado Álvaro, e todos aqueles e aquelas que estão aqui presentes neste grande ato.

Um forte abraço a todos vocês. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra a Antônio Barreto, Barretinho.

**O Sr. ANTÔNIO BARRETO:-** Companheiro Álvaro, presidente desta sessão, camaradas e demais membros da Mesa, combinamos que esta sessão teria também um caráter internacionalista à medida que em torno de nós paira também novas ameaças de golpes em países da nossa América. Nesse sentido, companheiros, o Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz - Cebrapaz, faz-se presente neste ato para dizer ao (Lê) *“Povo baiano e brasileiro que a nossa luta pela paz e contra as guerras de agressão imperialista aos povos, é também uma luta contra as ditaduras que solapam os direitos e a democracia, um bem muito caro a todos os povos e nações.*

*Nessa sentido, condenamos aqui os golpistas que subtraíram a democracia no nosso País, em 1º de abril de 1964 e por vinte anos, exilaram, prenderam, torturaram, assassinaram barbaramente, inclusive decepando a cabeça e depois sumindo com os corpos de combatentes que estiveram na linha de frente da luta por contra a ditadura e por democracia, em particular os guerrilheiros do Araguaia, heróis e heroínas do povo brasileiro.*

*Cabe-nos aqui também, denunciar que nos últimos meses, a nossa vizinha Venezuela membro da UNASUL, União das Nações Sul Americanas, organização da qual também faz parte o Brasil, vem sendo vítima de uma tentativa de golpe, como no 1º de Abril de 64 no Brasil também articulado e apoiado pelos Estados Unidos.*

*Os recentes protestos na Venezuela levaram o país ao centro das atenções internacionais, com grande cobertura pelos meios de comunicação que mais uma vez distorcem a realidade do país, apresentando um cenário caótico, de desgoverno e*

*crise, ajudando assim a criar um ambiente propício a aventuras golpistas. Sob o pretexto de castigar o país pelo uso da força contra manifestantes, o governo e o Congresso dos Estados Unidos estão discutindo a imposição de sanções, o que penalizaria o povo, como sempre ocorre em situações semelhantes.*

*Quanto à evolução da situação atual segundo as Nações Unidas e o Banco Mundial, a Venezuela reduziu consistentemente a desigualdade, transformando-se de um dos países mais desiguais da América Latina em 1998 no país menos desigual da América Latina hoje.*

*A Venezuela fez prodígios redistribuindo socialmente os recursos provenientes da exportação do petróleo para a saúde, a educação e melhoria das condições de vida do seu povo.*

*As autoridades venezuelanas têm reiterado que o país necessita de paz e diplomacia. O governo lançou o diálogo nacional através das conferências de paz, com ampla participação de todos os setores da população. Apostando no pior, a oposição recusa-se a debater com o governo no âmbito das conferências de paz.*

*A oposição mais radical recorre a meios violentos, ataques a instalações públicas e autoridades municipais. Pretende prolongar indefinidamente a crise e transformá-la em confrontações com o objetivo de derrubar o governo ou criar uma situação que 'justifique' uma intervenção externa.*

*Nesse contexto, reveste-se de enorme importância a ação diplomática da UNASUL, cujos, chanceleres examinaram in loco a situação e fizeram pertinentes recomendações ao governo e à oposição. A nova diplomacia sul-americana dá assim uma contribuição para a estabilidade da Venezuela e um sinal de que crises e conflitos políticos internos podem ser resolvidos sem que nenhuma potência que se arvora em polícia do mundo intervenha nos assuntos internos de países soberanos e tumultuem o processo de integração solidária da nossa região.*

*Para finalizar, a Revolução Bolivariana é indispensável para que o país avance como nação democrática, soberana e socialmente justa. E é cara aos países latino-americanos com referência necessária na formação de um novo bloco político de nações progressistas.”*

*A Revolução Bolivariana precisa de apoio e da solidariedade de todos os povos amantes da paz e da justiça social.*

*Ditadura nunca mais! Julgamento e prisão aos torturadores e assassinos e aos seus comandantes da Ditadura no Brasil!*

*Pela paz na Venezuela e abaixo a ingerência imperialista dos Estados Unidos. (Palmas.)*

*(Não foi revisto pelo orador.)*

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra a Carlos Valadares, por 3 minutos.

**O Sr. CARLOS VALADARES:-** Esta é uma atividade extremamente importante, porque demonstra que o povo brasileiro, os guerrilheiros do Araguaia, exerceram um direito básico: o de resistir à opressão, à ilegalidade e à ditadura. Isso é

um direito básico. Essa é a primeira questão que eu gostaria de ressaltar.

A outra é que estamos aqui buscando a verdade, queremos cada vez mais fazer com que o povo brasileiro conheça os fatos que ocorreram, o que aconteceu na guerrilha, queremos que os arquivos sejam abertos e que conheçamos os fatos. Mas a nossa memória é muito mais do que isso, significa ver como vivenciamos isso, como as famílias dos desaparecidos sentiram os desaparecimentos, como a censura influenciava a música, ver o sentimento do povo porque foi ele que resistiu. A Guerrilha do Araguaia faz parte desse movimento importante e que resultou em várias ações armadas pelo País, destacando-se a Guerrilha do Araguaia.

Precisamos saber a verdade e fazer com que o povo brasileiro tenha a memória do que ocorreu e resgate, efetivamente, a trajetória de luta de todo esse povo, e em particular daqueles que estiveram à frente. Temos aí os guerrilheiros do Araguaia. E não só, temos Marighela, Waldir Pires, Joviniano, a juventude, e precisamos resgatar essa memória, fazer com que seja do conhecimento de todo o povo e que seja uma memória de todo o povo brasileiro. E temos que ter a consciência disso porque a luta pela construção da democracia continua. Podemos ter retrocessos, mas temos que ter consciência do nosso passado histórico, de todas as lutas, para que façamos avançar a luta e não haja retrocesso.

Então, é importante que tenhamos esse conhecimento para evitar que se repita esses fatos, a ditadura do Estado Novo, a ditadura militar brasileira, e fazer com que o País tenha, efetivamente, a sua democracia, uma democracia que é construída com o povo, não somente elegendo, não, mas com a participação efetiva do povo, que é quem vai poder efetivamente garantir a democracia.

E saber que precisamos conhecer para fazer com que não se repita, que nunca mais aconteça ditadura, tortura, que continua existindo hoje, mas que não aconteça essa violência, mas saber que temos que prevenir isso e saber que a luta dos guerrilheiros do Araguaia, do povo brasileiro valeu a pena.

É por isso que estamos aqui. Se não tivesse acontecido essa luta não estaríamos aqui falando abertamente em partido comunista, em democracia, porque não se podia falar nada.

Essa luta valeu a pena. E viva a luta do povo brasileiro! Viva a Guerrilha do Araguaia!

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra a Vladimir Meira, presidente da UJS, por 3 minutos.

Antes, quero registrar a presença de Antônia Garcia, militante histórica dos movimentos pela democracia; Reginaldo Oliveira, presidente da Federação dos Comerciantes; Humberto, da Comissão da Verdade da Ufba e da Assufba; Deoclides Cardoso, histórico militante, representando o Sindicato dos Médicos, que é um sindicato da classe média, mas que está avançando um pouquinho.

Concedo a palavra a Vladimir.

**O Sr. VLADIMIR MEIRA:-** Bom-dia a todos e a todas. Quero saudar a Mesa, nas pessoas de Álvaro Gomes, deputado proponente da sessão, Aurino, companheiro da CTB, Julieta, grande combatente e militante do nosso partido no Estado da Bahia, Osvaldo Bertolino, historiador e pesquisador, Barretinho, também camarada de luta internacionalista no Estado da Bahia.

Na verdade, nós, da UJS, estamos vivendo um momento peculiar na nossa organização. Estamos passando por uma fase de renovação das nossas bandeiras, renovação da nossa militância, e também uma renovação dos nossos dirigentes. Estamos envolvidos numa batalha importante, que é o congresso da UJS. Por conta disso, a juventude, que vem se reivindicando como herdeira desses combatentes guerrilheiros do Araguaia, hoje não está, em sua maior parte, presente a esta importante sessão em homenagem aos 42 anos da Guerrilha do Araguaia e também de menção aos 50 anos do golpe militar de 64.

Mas estão todos e todas da nossa organização empenhados, por todos os cantos da Bahia – hoje nós temos diversos guerreiros da UJS acompanhando batalhas municipais para nosso congresso –, defendendo justamente um legado importante dessa luta de bravos guerrilheiros e lutadores que, na verdade, buscavam apenas fazer com que vingasse a verdadeira democracia em nosso País.

Então, aquela geração que batalhou para que hoje pudéssemos trilhar novos caminhos e valorizar também a diversidade e a pluralidade de opiniões em nossa sociedade tem o dever de fazer com que as gerações futuras vivam num País melhor, num Estado melhor, vivam uma democracia de plenos direitos, e não apenas o direito de escolher seus representantes. Hoje temos inúmeros gargalos em nossa sociedade que precisam ser superados para que possamos viver a plena democracia, o sonho daquela geração que esteve na Guerrilha do Araguaia há 42 anos.

Precisamos de fato efetivar uma reforma política democrática e fazer com que a juventude brasileira se sinta verdadeiramente representada no Parlamento por seus governantes. Hoje, temos uma necessidade grande de combater o financiamento privado de campanhas eleitorais, porque é justamente uma das portas de entrada para a corrupção no País.

Como também foi dito pelo deputado Daniel Almeida, temos a necessidade de combater e enfrentar o monopólio midiático em nosso País, que impede que a pluralidade de ideias e opiniões seja expressada para a sociedade. Essa também é uma forma de nossa juventude se sentir representada pelos meios de comunicação e sentir que a sua voz e a sua luta têm repercussão e reverberam na sociedade. Este é um ano crucial para isso, e nós, da União da Juventude Socialista, estamos envolvidos numa grande batalha para fazer com que essas bandeiras e outras também de fato assumam o protagonismo nas lutas centrais da política em nossa sociedade.

É um grande desafio nosso fazer com que a democracia saia vitoriosa nos momentos atuais. Ainda estamos em processo de consolidação do sistema democrático, e a UJS batalha muito para consolidar esse sistema, para conseguir avançar mais, para que tenhamos uma verdadeira democracia popular no Brasil.

Ainda precisamos avançar no debate da segurança pública, não só na Bahia,



mas em todo País. Ainda vivemos sob a herança perversa do modelo militar de segurança pública no Estado brasileiro. Isso precisa ser superado para que a nossa juventude, principalmente a juventude que vive nas periferias dos grandes centros urbanos, não mais seja massacrada pelo poder armado. Isso é importante, porque esse debate ainda não é feito com a devida sinceridade e franqueza pelos representantes do Estado brasileiro.

Vamos à luta, fazendo valer a memória dos guerrilheiros do Araguaia!

Obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Teremos mais dois oradores, que disporão de um tempo maior em seus discursos: Joviniano Neto e Waldir Pires.

Passo a palavra a Joviniano Neto, presidente da Comissão da Verdade, pelo tempo que achar necessário, tomando como referência 10 minutos

**O Sr. JOVINIANO NETO:-** Companheiro Álvaro Gomes, companheiros da Mesa e do Plenário, eu considero que para rememorar os 50 anos do Golpe na Bahia é importante relembrar a Guerrilha do Araguaia. Lá morreram dez comunistas baianos de duas gerações de comunistas. Maurício Grabois representa a a geração que inicia a luta contra a ditadura nos anos 30, 40. Os demais, novos, são os jovens que iniciaram a luta no movimento estudantil na década de 60, enfrentando a ditadura militar. Na história de todos há uma passagem, pelo movimento estudantil, pela experiência da Escola Pública Central da Bahia.

Lembrando os 50 anos do Golpe, vale também lembrar que a ditadura introduziu no Brasil a categoria desaparecidos políticos. Uma categoria, aliás, implantada na França, que criou os desaparecidos políticos na Argélia, na Batalha de Argel. Eles esmagaram os guerrilheiros argelinos. Acreditaram ter ganho a batalha, mas perderam a guerra. A Argélia se tornou independente. No Brasil, no Araguaia, a ditadura militar tentou inovar, fazer algo ainda mais diferente. Fazer desaparecer a existência da própria guerrilha.

O deputado Álvaro já falou aqui o que aconteceu em 1982. Mas eles perderam. A revista que foi apreendida naquele ano foi apresentada hoje na Assembleia Legislativa. Sem contar a invasão aos órgãos e a apreensão da revista, aquele episódio nos permitiu mobilizar uma grande reação nacional para libertar os presos, que tinham sido levados para o Beiru, e ajudar a realidade da Guerrilha do Araguaia empurrando a ditadura para o seu fim. Eles igualmente perderam, porque os guerrilheiros estão vivos. Os desaparecidos políticos se tornaram a maior cobrança, o maior desafio, o maior julgamento político-histórico da ditadura militar.

Não vou falar muito na história, já foi muito bem colocada aqui. Vou lembrar duas coisas apenas: a primeira é que os guerrilheiros do Araguaia estavam em fase de implantação. Não foram eles que atacaram. Eles foram atacados antes. A segunda é que eles fizeram recuar duas expedições militares. Podiam sonhar e até resistir à terceira. Podiam sonhar com o apoio da população. E o que eles já tinham feito na região já lhes permitia, já lhes tinha dado uma boa receptividade, um bom apoio

popular, o que levou a uma repressão brutal contra a população camponesa do Araguaia.

Desculpem-me. As pessoas devem falar, a boca deve dizer o que seu coração sente. Refletindo hoje sobre a Guerrilha do Araguaia, sobre os mortos do Araguaia, sobre a derrota vitoriosa dos guerrilheiros do Araguaia, enfim, refletindo sobre vitória e morte, minhas reflexões se basearam em lições, frases retiradas do Evangelho e da história do Cristianismo.

Uma frase: “Se a semente não cai no solo e morre, ela não produzirá frutos.” Os guerrilheiros queriam trazer mais vida, porque eles queriam lutar. Eles não queriam morrer, mas lutaram e se tornaram sementes cujos frutos e boa parte deles estão aqui.

Falando sobre a ação de Jesus Cristo, nós repetimos sempre “abraçando livremente a paixão”. Jesus não queria morrer. Mas aceitava que, em função da sua luta pela liberdade - e a mensagem fundamental do Evangelho de Jesus é a libertação -, ele enfrentaria a tortura e a morte. E enfrentou a tortura e a morte. Não desejava isso. Porém aceitou em decorrência do que tinha como missão, da necessidade de dar o seu testemunho naquele momento histórico. A palavra mártir significa testemunho.

Uma outra frase, não é do Evangelho, é de Tertuliano: “O sangue dos mártires foi a semente dos Cristãos.” O sangue dos mártires do Araguaia foi e é uma sementeira de militantes combativos, militantes do PCdoB e militantes comunistas.

Aqui, o deputado Álvaro citou uma frase da poesia: “Você me prende vivo. Eu escapo morto.” Nós podemos completar ao dizer que nós escapamos mortos e entramos vivos na história. Nós vencemos na história. E por que nós estamos vivos? Porque nós vencemos. Nós, os guerrilheiros do Araguaia, estamos aqui. Estamos todos aqui!

Os guerrilheiros do Araguaia estão aqui fazendo o quê? Apresentando a lição do que foi a sua vida; comemorando a derrubada da ditadura militar; comemorando o conhecimento crescente da verdade sobre o golpe. Comemorando! Mas lembrando que a luta continua, que o Brasil que existe hoje não é o Brasil pelo qual eles e nós sonhamos, não é o Brasil pelo qual eles lutaram e morreram, e pelo qual eles continuam lutando.

Companheiros, nós temos empurrado, participado da luta para empurrar a história do Brasil, para fazer avançar a história do Brasil. A história tem, para o nosso gosto, avançado muito devagar. Mas nós vamos chegar lá! Nós vamos chegar à liberdade, à democracia, ao socialismo.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Chegando ao final, vamos ouvir, agora, o ex-governador Waldir Pires pelo tempo que achar necessário, tomando, como referência, 10 minutos. (Palmas.)

**O Sr. WALDIR PIRES:-** Caro presidente Álvaro Gomes, quero, de partida,

saudá-lo em um parabéns pelo êxito desta reunião, por sua iniciativa, pela plantação que se faz aqui para gerar transformações na história que nós, ainda, podemos ajudar a fazê-la e que esta juventude toda há de realizar. Parabéns! Minha saudação pessoal a todos os membros da Mesa.

Nosso tempo e nossa geração, desde a minha, porque aqui não tem ninguém mais novo, portanto, é a voz mais antiga até os mais jovens. Nós temos um destino hoje: é o desafio. A luta, para nós construirmos a democracia no Brasil, é um desafio. É uma luta permanente. É uma luta que não pode estar na expectativa de iniciativas e de terceiros. É uma luta que deve ser uma determinação do nosso espírito, da nossa vida e dos nossos sonhos.

A minha geração sonhou muito e assistiu à opressão gigantesca sobre as juventudes depois do golpe de estado. Então, não se tem a possibilidade de examinar sequer, de discutir, de conhecer a realidade do seu País e do seu povo.

O que nós vivemos é um instante de desafio permanente.

Foi compreendendo isso que, com muito mais do que 80 anos, e por ter podido atravessar todas as etapas da vida política, que eu decidi que deveria ser candidato a vereador da Cidade do Salvador, para expressar a minha decisão íntima e a oportunidade gerada pela própria natureza da vida e das circunstâncias políticas, e estar ao lado de todos, na luta pela construção de um mundo de paz. E que o nosso País seja uma fonte e uma vanguarda da luta desse mundo de paz, portanto que construa o quê? Construa o processo democrático, mas não é um processo democrático que nós já conhecemos, não é um processo democrático que foi nascido no final do século XVIII, e que passou períodos extraordinariamente recuados em todo o século XIX, e ao longo do século XX tem sofrido o que sofreu, como nós sofremos aqui no Brasil, mas é uma democracia que corresponda à vida dos seres humanos, à dignidade da pessoa humana, o respeito a cada indivíduo, a cada mulher, a cada homem, não apenas nas suas liberdades, mas nas suas liberdades e nas suas necessidades.

O conceito de democracia hoje é, sobretudo, o conceito assentado, primariamente, na inclusão humana da sociedade, todos participantes. Não participantes porque está uma palavra na Constituição declarando que todos são iguais perante a lei, e na realidade são tão distantes, em face das infelicidades, e das agruras, e das angústias de tantas parcelas da população.

Nosso companheiro, o nosso camponês, o Zezinho do Araguaia, ele faz um pouco, na fala que fez, bonita, desse lançamento de uma concepção dessa natureza, os camponeses participando da inclusão humana, os trabalhadores conquistando a inclusão humana e todos nós nesta luta. A luta é a dignidade do ser humano, não há democracia sem isso, a democracia não compôs ainda a sua definição e a sua compreensão. Ela nasceu lá, há 4 séculos A.C, na Grécia antiga, na Atenas antiga, como uma plantação inicial. Depois o Império Romano chegou, acabou. E passaram-se centenas de séculos para você ter o retorno dessas expectativas, no final do século XVIII, com afirmações firmes, seguras.

Por exemplo, essa luta da legalidade dos nossos combatentes do Araguaia está

lá, no princípio essencial da primeira grande declaração de direitos da humanidade, no final do século XVIII. Toda vez em que estiverem ofendidos os direitos, as prerrogativas dos seres humanos, lá está estabelecido que é direito de cada pessoa, de cada cidadão partir para a luta, realizar a luta. A luta da guerrilha é uma luta que está aprovada lá, desde o século XVIII, nos conceitos básicos do Direito Internacional e da compreensão da organização da comunidade humana.

E o século que estamos vivendo precisa ser redentor, porque ele está acumulado de um desafio brutal para todos nós. Seremos capazes de construir neste planeta um regime que inclua todas as pessoas? Seremos capazes? Deixarão que isso ocorra?

Esse desafio nunca esteve posto no passado. A luta sempre se fez, no passado, em função da força. Nos primeiros passos da democracia mudou apenas a natureza da força. Teve-se uma impressão formal, e criou-se uma impressão formal, mas passou a ser controlada pelos poderes do capital. O capitalismo comandou e comanda as oportunidades. E a sociedade se organizou para se proteger disso e estabelecer limites no capitalismo.

Mas, hoje, temos essa coisa extraordinária, esse sonho da ciência prática que se realiza cotidianamente, numa modificação extraordinária da capacidade do ser humano. Nós, hoje, podemos produzir para duas ou três vezes a totalidade da necessidade da população humana. Uma capacidade sem limites da Ciência, do Conhecimento e da Tecnologia. Não há limites para isso. Não há como justificar esse escândalo de injustiças, de discriminações que ainda existem na sociedade contemporânea no Brasil, e por aí afora.

Essa é a luta, a luta da democracia, a luta da convivência permanente do ser humano, a possibilidade da paz para todos, os direitos das mulheres de ter alegrias nos seus filhos, e de vê-los assessorando e sendo assessorados para construir uma sociedade fraterna. A democracia é esta. É este o conceito.

Todo conceito anterior foi sempre na base da força, sempre. Antes do século XVIII não houve qualquer organização que não fosse na base da força. Posteriormente, também toda organização é na base da força. É isso que temos que corrigir, pelo conhecimento que tem a humanidade toda de que ela está em perigo.

Porque na hora em que os conflitos surgem, hoje, você está com a ameaça da bomba atômica, da guerra microbiológica; você destrói o planeta, destrói a humanidade. É esse o desafio.

Portanto, essa nossa tarefa, construindo a história do nosso País, é uma beleza de tarefa. E a nossa garra, a nossa decisão, não permite pessimismo, qualquer tipo de posição evasiva ou, então, um pouco insegura. Não! É uma posição de desafio: nós seremos capazes. A humanidade deste século é capaz, e é preciso fazer, senão o perigo é o da inexistência da humanidade, da liquidação do planeta. E este planeta é, hoje, a nossa aldeia, a aldeia de nós todos.

Nós sabemos de tudo que ocorre aqui, na Ásia, na África. Vivemos esses problemas instantaneamente pela tecnologia da televisão, de forma que o mundo não tem mais reserva.

Um grande abraço para vocês.

Parabéns a Álvaro pela iniciativa e aos companheiros que organizaram essa reunião. E vamos construir a democracia da humanidade.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Queremos só lembrar que o dia 25 de abril de 1984 é um marco na luta pela democracia, pelo fim da ditadura, pois nessa data mais de 1 milhão de pessoas se reuniram na Candelária, no Rio de Janeiro, no movimento das Diretas Já. E em 25 de abril 1984 ocorreu a votação da Proposta de Emenda Constitucional Dante de Oliveira, que não passou.

Mas, logo depois, houve o fim da ditadura, em 1985, com a eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República. Em 1988, houve a promulgação da atual Constituição Federal. A eleição direta, para todos os cargos, aconteceu em 1989. Esses são os avanços após a Guerrilha do Araguaia e a resistência dos setores da sociedade.

Queria registrar a presença da vereadora Aladilce.

Agora, ouviremos o hino fundamental para este momento e para esta sessão especial, qual seja, o Hino da Internacional Comunista.

(Procede-se à execução do Hino da Internacional Comunista.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Queremos neste momento agradecer a todos os componentes da Mesa: guerrilheiro Zezinho, nosso Waldir Pires, Aurino, Antônio Barreto, Carlos Valadares, Osvaldo Bertolino, que fez aqui uma grande e importante exposição histórica, Joviniano Neto, Vladimir Meira, Daniel Almeida, Diva Santana, Marcelino Galo, Julieta e Davidson Magalhães. Agradecemos também a presença de todos os militantes e todas as personalidades.

Requeremos registrar a importante publicação da Fundação Maurício Grabois *Repressão e Direito à Resistência - Os Comunistas na Luta Contra a Ditadura (1964-1985)*.

Hoje temos a alegria de ver o Poder Legislativo recebendo os guerrilheiros, seus familiares e militantes comunistas, quando antes nós não tínhamos sequer o direito de nos reunir para discutir - e não foi num passado tão distante, não; foi em 82 - nem de lançar uma obra literária. O lançamento de uma obra literária era motivo de prisão, ameaças e apreensão da própria obra.

Portanto, queremos registrar o avanço de termos a alegria de cantar e ouvir a *Internacional Comunista* no Poder Legislativo da Bahia, quando deputados não apenas de Esquerda, mas até conservadores, foram cassados de forma arbitrária e ilegal, seja aqui nesta Assembleia, seja na Câmara dos Deputados, no Congresso Nacional.

Então, estamos neste momento registrando esse avanço. Passamos de uma situação em que não podíamos sequer nos reunir, nem falar, ou juntar duas ou três pessoas nas ruas, porque era motivo de prisão, para a situação atual. Nesta estamos aqui com velhos comunistas como Vandilson Costa, que foi um comunista importante

ainda naquele tempo difícil. Também tivemos neste Parlamento outros comunistas mais recentes, como Luiz Nova e Zezé. Enfim, queríamos registrar todos esses avanços.

Em nome do Poder Legislativo do Estado da Bahia, declaro encerrada a presente sessão especial. (Palmas!)

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/v2/sessoes.cfm>. Acesse o caminho **Sessões** e leia-as na íntegra.*